



SEÇÃO TEMÁTICA

No espelho de *O homem e a morte* *In the mirror of Man and death*

João Décio Passos*

Resumo: O livro de Edgar Morin “*L’Homme et la mort*” é revisitado como espelho concreto para pensar a morte do ponto de vista antropológico e, de modo direto, para homenagear o Professor José J. Queiroz na ocasião de seu falecimento. O paradigma da complexidade adotado por Morin foi uma das ferramentas teóricas e metodológicas utilizadas por Queiroz em suas pesquisas e reflexões. O artigo retoma pontos centrais da obra de 1951, focalizando a mudança de paradigma do autor e, por conseguinte, a nova moldura em que coloca posteriormente este estudo. A morte integra a vida e a vida integra a morte. A partir desta constatação que supera as dicotomias entre o viver e o morrer, a reflexão convida a fazer memória ao ilustre professor.

Palavras-chave: Antropologia, Edgar Morin, José J. Queiroz, Memória, Morte, Vida.

Abstract: Edgar Morin's book “*L’Homme et la mort*” is revisited as a concrete mirror to think about death from an anthropological point of view and, in a direct way, to honour Professor José J. Queiroz on the occasion of his death. The complexity paradigm adopted by Morin was one of the theoretical and methodological tools used by Queiroz in his research and reflections. The article revisits central points of the 1951 work, focussing on the author's paradigm shift and, consequently, the new framework in which he subsequently places this study. Death integrates life and life integrates death. Based on this realisation, which overcomes the dichotomies between living and dying, the reflection invites us to remember the illustrious professor.

Keywords: Anthropology, Edgar Morin, José J. Queiroz, Memory, Death, Life.

* Livre docente em Teologia pela PUC-SP e Professor Associado no Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião na mesma Universidade. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4390-0423>

Introdução

Em 1992, em algum dia da rotina acadêmica do mestrado em ciências da religião, conversava com Queiroz sobre um projeto de teologia popular na Região Episcopal Brasilândia. Tratava-se de um trabalho de produção de textos populares de teologia, no caso em foco, de escatologia. Conversávamos sobre a relevância da morte na religiosidade do povo. O professor me indicou e emprestou um livro de Edgar Morin, à época meu exímio desconhecido: *“L’Homme et la mort”*. Ainda guardo a fotocópia desse clássico que, na verdade, já havia sido publicado em português. Se bem me lembro, não me ofereceu referências para o que estava em questão, porém me introduziu numa narrativa antropológica clássica, própria dos franceses e em um universo novo de abordagem que desafiava o mestrando iniciante. Eis-me aqui retomando o encontro com os dois personagens e com o fato mais certo da vida: a morte. Edgar Morin, hoje ainda vivo com seus quase cento e quatro anos (nasceu em 08 de julho 1921). Bem mais tarde, em 2008, conheci pessoalmente o grande pensador, quando foi homenageado com o título de doutor *honoris causa* pela PUC-SP. José. J. Queiroz partiu no ano que passou. Na vida e na morte comungo, agora, com os dois autores, fazendo lembrar que o próprio Queiroz adotara o paradigma da complexidade moriniano como ferramenta analítica de seus trabalhos na área da educação. Dois autores e um tema, a morte. O judeu sefardita ateu e o dominicano da *fides et ratio* posicionados no horizonte comum: a esperança na humanidade fraterna.

Com esse encontro, quero prestar uma singela homenagem a José J. Queiroz, agora do lado de lá da vida, porém presente na ausência e provocando seus entes queridos e amigos com a persistência de sua vida marcada de grandeza e simplicidade. Pensar a morte a partir da obra de Morin não oferece qualquer explicação e menos ainda consolo para a condição humana agora vivenciada por Queiroz, significa nada mais que entrar mais uma vez no território do mistério que traga todos os vivos. Perante a tristeza deixada pela morte, resta mais o silêncio que o discurso, sobretudo por parte daquelas que experimentam o vazio da ausência. No Programa de Ciência da Religião, o vazio da ausência já havia chegado desde seu desligamento como docente. Não era qualquer ausência, mas a ausência de uma entidade histórica, quase sinônima do que foi o Programa ao longo do tempo. A vida vai recuando lentamente e mostrando sua fragilidade, avisando que a morte ocorre lentamente, a cada dia. O professor pioneiro viveu esse itinerário de vida-morte até onde foi possível como docente no ensino e na pesquisa. Viveu de morte e morreu de vida, como todos os seres vivos, diria Morin, mas partiu também com a serenidade do sábio e da esperança cristã que fez parte de seu credo na vida. Nos percursos oferecidos por Edgar Morin, pensador influente na vida intelectual do professor, pode-se entrar em sintonia com a morte-vida que, desta vez, concretizou sua sentença conclusiva na pessoa de Queiroz. Com os dois pensadores o Programa segue em frente, apostando no potencial do humano e da educação:

Se é verdade que o gênero humano, cuja dialógica *cérebro/mente* não está encerrada, possui em si mesmo recursos criativos inesgotáveis, pode-se então vislumbrar para o terceiro milênio a possibilidade de nova criação cujos germes e embriões foram trazidos pelo século XX: a cidadania terrestre. E a educação, que é ao mesmo tempo

transmissão do antigo e abertura da mente para receber o novo, encontra o cerne dessa nova missão. (Morin, 2003, p. 72).

O homem e a morte

A obra *“L’Homme et la mort”* foi publicada em 1951, sendo a pesquisa certamente realizada ainda nos anos quarenta. O teórico da complexidade ainda estava por vir. A vida e obra de Morin dispensam apresentação. Sua postura crítica em relação às fragmentações concomitantes e mutuamente implicadas do conhecimento e da vida e a proposição de uma visão integradora que permita religar o ser humano com o conjunto da vida e religar as distintas ciências numa visão superior e abrangente tem hoje um lugar mais que urgente dentro da crise climática em que se encontra o planeta. A mesma testemunha da crise econômica planetária de 1929, da grande crise política e humanitária protagonizada pelo nazifascismo e da Guerra Fria presencia nos dias atuais as crises planetárias que avançam: a crise climática e a crise política que traz de volta governos de extrema direita. Edgar Morin presenciou e tematizou todas essas crises com a lucidez do teórico e a paixão do militante.

A vida do sobrevivente

A obra “O homem e a morte” marcava o início de uma carreira brilhante que o projetaria para o mundo nas décadas seguintes. Se é verdade, como constata Morin, que os homens, diferentemente dos animais, negam a morte com a afirmação da vida pós-morte, no seu caso pessoal parece ter adotado como estratégia de negação a sua longa existência. Nada mais adequado para um ateu declarado. E trata-se, de fato, de uma existência premiada pela longevidade, mas, antes, pela existência gestada na crise da Segunda Guerra. Edgar Morin perfila os grandes homens que são testemunhas de autossuperação quando a morte se impõe como sentença dos regimes tiranos. Na condição de judeu (sefardita) viu seu povo padecer uma das maiores crueldades da história humana. O sobrenome Morin foi adotado precisamente nesse contexto de perseguição. Seu nome de nascimento fora Edgar Nahoum. A origem judaica do nome poderia remeter para Naum, um dos profetas menores a quem se atribui o pequeno livro homônimo.

O “Morin” permaneceu como sua identidade desde o seu renascimento na era pós-guerra; nasceu juntamente com a França após a ocupação nazista e viu o mundo reestruturar-se do ponto de vista geopolítico. A problemática da morte não foi enfrentada, com certeza, como uma curiosidade antropológica desprezível, o que poderia justificar qualquer estudo, mas como temática epocal, como inquietação perante os setenta milhões de mortos na segunda guerra e os seiscentos mil patrícios franceses. Na condição de judeu, testemunhou os seis milhões assassinados pelo nazismo. A Segunda Guerra significou a experiência da morte por dentro da Europa moderna e o efeito letal das tecnologias disponíveis e recentemente inventadas. Nesse contexto, nasce o primeiro Morin inserido em seu tempo e, ao mesmo tempo, interrogando sobre a única certeza

da vida, a morte. O primeiro Morin se inicia acertando as contas com o passado de seu povo, de seu país, de seu continente e consigo mesmo. Dessa plataforma existencial avançará para outros acertos de contas, especificamente com as ciências modernas: com os efeitos da especialização e dos impactos humanos e ecológicos daí decorrentes.

A antropologia da morte

Esta antropologia encara de frente a questão. Para além de qualquer isolamento no tema em si mesmo, reside a pergunta pelo sentido humano do morrer; entra pela porta do humano para entender os mitos e soluções para a morte:

...é preciso inverter a ótica, inverter as evidências, procurar a chave onde se pensava estar e fechadura, bater nas portas do homem antes de bater nas portas da morte. É preciso descobrir as paixões profundas do homem diante da morte, considerar o mito em sua humanidade e considerar o próprio homem como guardião inconsciente do segredo. (Morin, 1997, p. 19).

Trata-se de uma inversão de perspectiva. Na expressão do autor, uma virada copernicana na questão tão trabalhada por reflexões metafísicas e teológicas, um encontro com o mais real por meio de uma “ciência total” que confronta o biológico com o cultural e permite “conhecer o a morte através do homem e o homem através da morte” (Morin, 1997, p. 20). Trata-se de mais um projeto demitizador, como fora a demitização da religião, do sexo e da própria alma humana. O pensador moderno, francês e antropocêntrico, exhibe sem rodeios seu projeto de construção de uma ciência da morte. O posicionamento é conhecido e deita suas raízes ainda no século anterior, na medida em que rompe com as abordagens metafísicas e reveladas sobre o assunto em questão e adota uma postura científica. A ciência total da morte superaria, ao que parece, as visões pré-modernas que ignoram a materialidade humana, a condição comum com os animais e com todos os seres vivos. De fato, esta postura demarca todas as abordagens clássicas sobre o ser humano, entendido como radicalmente distinto dos animais pelos atributos racionais.

O estudo revela o significado humano da morte e das soluções simbólicas construídas pelas culturas no decorrer do tempo e nas diversidades espaciais. O leque da obra se abre com grande envergadura, dentro dos padrões clássicos das grandes narrativas das ciências modernas. Transita pelas culturas, das eras arcaicas até as ciências modernas. A comparação acompanha a abordagem que desfecha sempre no mesmo ser humano e nos mesmos enfrentamentos de sua fatal finitude. No grande percurso, o cristianismo é destacado como a mais radical expressão de salvação da morte:

O cristianismo é a última religião de salvação, a última que será a primeira, aquela que expressará com maior violência, a maior simplicidade, a maior universalidade o apelo da imortalidade individual, o ódio da morte. Ela será unicamente determinada pela morte; Cristo resplandece em torno da morte, só existe para e através da morte, carrega a morte, vive da morte (Morin, 1997, p. 208-209).

O cristianismo universalizou a morte em seu mito fundante – cruz e ressurreição – e permitiu a assimilação ritual de cada individualidade nesse mistério denominado mistério pascal, mediante o batismo e a eucaristia. A comunhão mística com a vida que vence a morte torna-se a saída universal e radical para o problema da mortalidade. Embora Morin não avance até o escândalo mais terrível do Deus que morre na cruz (Moltmann, 2011), quando o salvador da morte não pode salvar a si mesmo, e revela a inevitabilidade da morte, acentua a originalidade do cristianismo que foi assimilado pelo império romano e se propagar pelo mundo.

Além da universalização da salvação da morte oferecida e universalizada pelo cristianismo, a obra oferece mais um destaque não menos universal ao buscar nas ciências modernas as explicações e “soluções” para o mesmo drama. Na Parte 4, sobre “Tanatologia e ação contra a morte”, mostra as ações das ciências, buscando controlar e adiar a morte. A conclusão dessa estratégia parece retornar mais uma vez à relevância das soluções simbólicas. O texto mistura de realismo e esperança e coloca as soluções das ciências em um lugar bastante modesto:

Mas, se os recursos da moral clássica são ilusórios contra a morte, a ciência total do homem, mostrando-nos o homem só, sem socorro, sem deuses, sem magias eficazes diante dos portais da morte, mostrando-nos que este homem deve esperar tudo apenas dele mesmo, de suas astúcias, de suas energias, de sua bondade para finalmente reduzir esta morte, esta ciência total nos torna atentos aos apelos, nascidos das profundezas antropológicas que o homem dirige a si próprio (Morin, 1997, p. 335).

A vida na morte e a morte na vida

O pensador de longa vida, conectado à realidade presente e intelectualmente honesto, avança em seu pensamento e recoloca as temáticas já trabalhadas sem receios epistemológicos, mesmo que se trate de uma narrativa monumental, como seria o caso dessa obra em foco. Contudo, Morin reposiciona suas considerações ainda em sua juventude intelectual. A mudança de perspectiva já se mostra em 1970, quando iniciava seus cinquenta anos. A morte permanece conectada à vida, como fora a intuição original da ciência total da morte. O pensador das grandes narrativas permanece vivo, mas avança para paradigmas capazes de integrar as contradições para além de todas as simplificações. O “Prefácio da segunda edição” de 1970, a “Introdução” de 1976 e as “Novas conclusões” de 1970 refazem a moldura para encaixar a bela obra.

Mudando o paradigma

O paradoxo já se instala uma vez que somente o ser humano tem consciência (ciência do dado inevitável da morte) dessa condição. No prefácio da segunda edição de 1970, Morin insiste nessa constatação quando afirma que: “A morte introduz entre o homem e o animal uma ruptura mais espantosa que a ferramenta, o cérebro, a linguagem” (1997,

p. 13). O ser humano que faz, que pensa e fala formula sua condição de mortal. Qual o significado dessas formulações, na verdade sempre negações da morte, por meio de narrativas de sobrevivência após a desestruturação final? Já nesse prefácio Morin avança na colocação de uma moldura nova para seu estudo clássico ao colocar o dado biológico e cultural como expressões de uma mesma realidade humana: bioantropológico. Afirma então que “não existe uma muralha entre natureza e cultura e sim uma engrenagem de continuidades e discontinuidades” (1987, p. 16). As construções culturais (religiosas) sobre a morte teriam, assim, algo a dizer sobre a própria natureza humana do animal que pensa. E na “Introdução” de 1976, quando o pensador da complexidade já se encontrava estabelecido epistemológica e metodologicamente. Afirma que, se tivesse que reescrever o livro, “remanejaria profundamente a Introdução geral, em função das concepções bioantropológicas” expostas em *“Le Paradigme perdu”*¹. Na sequência passa a expor o significado dessa mudança de paradigma que relaciona de forma inseparável morte-vida.

Se tivesse que escrever de novo, explica, o eixo seria deslocado radicalmente: do paradoxo da morte para o paradoxo da vida. É precisamente no mistério assombroso da vida que emerge da matéria bruta e inerte e adquire autonomia e consciência que a morte tem seu novo lugar. O mesmo assombro e interrogação levou o filósofo Hans Jonas a buscar uma articulação entre o organismo e o espírito em sua obra “O princípio vida” (2004). O organismo vivo vai se tornando espírito (liberdade, consciência e ação) na escalada da vida que se arranca da pura materialidade. Morin não se aventura por esse caminho ontológico, mas, bebendo de novo da ciência (no caso da biologia), ancora-se em uma moldura epistemológica holística onde morte e vida devem ser entendidas, então, como vida-morte, como aspectos inseparáveis do mesmo processo físico-vital. “O nó da complexidade biológica é o nó górdio entre destruição interna permanente e autopoiesis, entre o vital e o mortal” (p. 10). A vida constrói a si mesma (*autopoieses*) na dinâmica da morte e renascimento. Será sempre inútil antagonizar as duas dimensões do processo vital como posições antagônicas; ao contrário, são dinamismos únicos que na sutileza cruel da existência humana cindem-se de sua originalidade mais profunda e radical. Nessa epistemologia holística e complexa caos e cosmos, ordem e desordem, se completam dramaticamente numa grande epopeia da vida terrena (Morin, 1998, p. 195-232).

Não se trataria apenas de uma nova epistemologia que exigiria pensar a relação morte e vida como complementares, mas de uma nova sociologia da morte que não considera mais a sociedade como construtora de significados e estratégias contra a morte, renegando e sublimando a morte; mas, sim, uma sociedade que existe como “organização, por, com e na morte” (p. 10). E conclui que a cultura entendida como

[...] patrimônio coletivo de sabedores, habilidades, normas gerais, regras de organização etc. só tem sentido porque as antigas gerações morrem, e é preciso transmiti-la incessantemente às novas gerações. Ela só tem sentido como reprodução, e este termo de reprodução adquire seu sentido pleno em função da morte (p. 10).

1 Tradução brasileira: *O paradigma perdido: a natureza humana*. Lisboa: Europa-América, 1991.

Os eternos enfrentamentos da morte

A reconciliação epistemológica entre a morte e a vida no âmbito da própria história da vida exige, assim, que não se pense a vida em a morte e a morte sem a vida, mas que “o caminho da morte deve conduzir-nos de modo mais profundo na vida, assim como o caminho da vida deve conduzir-nos de modo mais profundo na morte (p. 11). Contudo, trata-se de uma reconciliação que não supera o fosso existencial da consciência humana cindida entre o viver e o morrer, onde todas as narrativas se tornam meras elaborações, mapas utilizados na escuridão. E, na escuridão da morte, todos os mapas são indispensáveis para seguir o caminho. E onde ninguém viu, pisou e apalpou tudo se torna mito como narrativa mais poderoso, incluindo a própria ciência. Nesse ponto a honestidade intelectual de Morin é disruptiva com todas as pretensões iluministas ou cientificistas. Não há luz suficiente para iluminar essa escuridão onde a matéria e a vida se entrelaçam em idas e vindas, onde a atração do pó reclama a vida de todos os seres vivos como última condição. O retorno ao mistério desafia todas as luzes que a razão ouse elaborar. “De qualquer modo, *a morte penetre, se enraíza no mistério que é, ao mesmo tempo, o da Matéria e da Vida*” (p. 351)

É preciso afirmar que o roteiro descritivo-analítico oferecido por Morin é amplo e profundo; oferece um caminho de entendimento da morte indispensável a quem se dedica ao estudo da questão jamais resolvida, mas também aos que ousam pensar sobre si mesmo. Contudo, como não poderia ser diferente, ao final parece restar o convite a abraçar a morte como drama ou como tragédia, como decomposição da vida que faz inútil todas as narrativas, a começar pelas científicas. A conclusão de Morin vinte anos depois da primeira redação indica esse retorno ao grau zero da questão mais sofrida que disputada, mais interrogada que explicada e, por conseguinte, reservada aos domínios dos mitos e dos ritos:

De fato, no próprio momento em que, acreditando romper com toda mitologia, eu me precipitava para a ciência e para a ação, eu mesmo me via impelido, envolvido, sorvido pelas próprias forças mitológicas que, nos capítulos precedentes eu havia detectado, isolado, denunciado e, *de fato, protegido pela ciência, eu estava escrevendo o último capítulo dos mitos da morte* (p. 340)

Ao sepultar os mortos ninguém recita laudos médicos sobre a *causa mortis*. O fato é que a morte permanece um mistério mesmo onde a ciência mais moderna colocou sua mão poderosa e demitizadora, capaz de explicar, controlar e adiar a morte. Ao identificar os resultados da biologia que indicam a amortabilidade dos seres unicelulares e de plantas simples (p. 312) e a morte dos seres mais complexos, Morin fala em um “elo misterioso” entre nossa “visceral ignorância da morte e esta amortabilidade biológica potencial em cada um de nós” (p. 313). A interrogação sobre as razões da morte não abandona nem mesmo os resultados mais avançados das ciências. Sob os avanços concluídos sobre os significados antropológicos da morte, sussurra seu último mistério. E, ainda que tudo fosse resolvido e explicado, o ser humano permaneceria sofrendo a dor da dissolução de sua individualidade na volta ao pó. Por certo, a espécie que morre continuará preferindo a hipótese da imortalidade à constatação do elemento amortal que carregamos em nossas células. É melhor estar vivo do que morrer, é melhor

permanecer vivendo individualmente do que se dissolve na matéria comum de todos os seres físicos. A grande narrativa sobre a morte é concluída com a volta ao ponto inicial da idade do *sapiens*: a eterna busca de solução e de sentido da morte. As explicações físicas detalham os processos sem oferecer solução para a consciência individual que se depara com a aniquilação final. A conclusão mais dramática para a própria ciência a que chega Morin é a de que a pretensa ciência total da morte é de novo o “último capítulo dos mitos da morte”.

Considerações finais

De volta à matéria, de volta ao mistério, de volta ao mito! Pode ser este o roteiro implacável que acompanha a indispensável volta às ciências. Mumificações, Monumentos, Mitos, Altares, Relíquias... Promessas de paraíso, promessas de terapias que adiam o dia fatal, tanatologias modernas... Invenções que se inscrevem no rol das soluções simbólicas para a superação da realidade inevitável e crua da mortalidade. Nenhuma narrativa poderá domesticar com suas luzes ou dogmas o último inimigo do humano a ser vencido (1Cor 15, 26). E a reconciliação com esse inimigo será, com certeza, o maior de todos os perdões e a mais potente de todas as vitórias.

O abandono da morte experimentado por Jesus de Nazaré, para os cristãos, pelo filho de Deus crucificado, repete a sentença de morte do paraíso: “do pó ao pó”. O mergulho divino na morte desbloqueia a cancela que a separava da vida e convida os mortais a abraçar o mistério tenebroso e esperar que lá dentro da morte se encontra a vida. No credo cristão se professa que Jesus “desceu à mansão dos mortos”, ao mundo dos mortos (Küng, 1992, p. 115-118). Quando o divino entra nesse lugar tenebroso da habitação dos mortos e de lá sai vitorioso, ensina que é possível romper com a prisão implacável da matéria que tudo atrai e agarra-se à vida como mistério que se torna anúncio de vitória. Será sempre necessário agarrar ao vigor da vida como dádiva da matéria, com ou sem criador. Do contrário, a morte torna-se dona da vida e se impõe como fatalidade que traga todas as esperanças ou como regra que separa os que têm direito de viver e os que podem ser mortos pelos mais fortes. Mesmo para outros sistemas de crença, a cada vivente resta unicamente abraçar a morte com os recursos disponíveis, com seus credos e esperanças. Para os que permanecem temporariamente no sopro frágil da vida, a mistura de realismo e solução simbólica também se impõe como caminho mais humano que pode evitar, de um lado, as ilusões que alienam da realidade e, de outro, a crueza do retorno à matéria que aliena das esperanças.

Neste equilíbrio delicado, a lembrança dos falecidos se mostra necessária, nas primeiras lamentações que relembram desesperadamente, no tempo do luto e na fixação de marcos mais elaborados que inserem a presença da personalidade na ausência da individualidade desfeita. A indicação de Morin da volta incessante ao mistério após cada explicação da morte, em sintonia com as elaborações culturais e as teologias da morte, a colocação da memória dos falecidos, o jeito mais comum de integrar a morte à vida em nossa civilização de ontem e de hoje (p. 349). Na memória do grupo morto

pode sobreviver com a imagem sobre ele projetada, segundo as intenções de seus entes próximos ou queridos.

A construção de marcos memoriais para o falecido é uma atitude regular, embora com fôlego limitado: poucas gerações alimentam a memória do morto que deixa de ser amado na medida em que seus amantes também se vão. A narrativa oral, a arte e a escrita e, nos tempos modernos, a fotografia e as imagens fílmicas oferecem as possibilidades cada vez mais definidas de materializar a memória do ausente. Porém, qualquer recurso exige que se tenha guardiões da memória; do contrário, ela poderá sucumbir sob a pá de cal do tempo.

Fazer memória do falecido pode ser reclamar por sua ausência em gestos e palavras saudosistas, protesto legítimo dos vivos, porém fracassado diante da fatalidade. Mas, pode ser também ressaltar para os seus pares e próximos a importância humana de sua existência e indicar seu papel testemunhal perante determinados valores que não pode morrer. Se no ato da morte os rituais oferecem o que as explicações da causa morte nada tem a remediar, na construção da memória os valores transcendem os ritos ao indicar aquilo que deve permanecer como parâmetro para a convivência humana ou como conteúdo a ser preservado. Os memoriais não imortalizam os mortos ali representados em estátuas ou em narrativas, mas perpetuam seus projetos. Somente os heróis são perpetuados em suas representações iconográficas ou nas narrativas míticas de seus gestos. A memória é sempre a lembrança do humano tão somente humano, daquilo que a vida e a morte de uma pessoa representam de testemunho para as gerações seguintes.

Os cérebros mais inteligentes morrem da mesma forma que os cérebros mais imbecis. Os inteligentes deixam marcados por gestos e, sobretudo, por palavras grafadas, seus ensinamentos teóricos ou práticos. Por essa via, os intelectuais perpetuam por gerações seus pensamentos e, por meio deles, sua memória permanece viva e ativa. A memória do Professor José J. Queiroz permanecerá entre nós a cada ato de continuidade do projeto por ele sonhado e concretizado. A homenagem que “Rever” lhe presta nesse número especial visa perpetuar esta memória às futuras gerações que farão ciência da religião.

Referências

JONAS, Hans. Princípio vida; fundamentos para uma biologia filosófica. Petrópolis: Vozes, 2004.

KÜNG, Hans. Credo. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

MOLTMANN, Jürgen. O Deus crucificado; a cruz de Cristo coo base e crítica da teologia cristã. Santo André: Academia Cristã, 2011)

MORIN, Edgar. O paradigma perdido: a natureza humana. Lisboa: Europa-América, 1991.

MORIN, Edgar. O homem e a morte. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

MORIN, Edgar. Ciência com consciência. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez, 2003.

Recebido em: 25/11/2024

Aprovado em: 14/01/2026

Conflito de interesses: Nenhum declarado.

Editor responsável: Eulálio Avelino Pereira Figueira.